

A Fecundidade Camponesa no Brasil Antigo: O Caso de Ubatuba

MARIA LUIZA MARCÍLIO (*)

Introdução

Desde que se descobriram os padrões e características das populações européias tradicionais (séculos XVI a XVIII), do Ocidente cristão⁽¹⁾, através das pesquisas que a Demografia Histórica propiciou, muito se tem escrito e discutido sobre o assunto. Há um padrão de casamento, como há um padrão de natalidade e de mortalidade, mais ou menos generalizados na época. O Antigo Regime demográfico europeu demonstrou-se como sendo aque-

le em que o casamento era bem tardio⁽²⁾, tanto na Inglaterra, como na França, nos Países Baixos, ou na Itália do Norte ou na Alemanha. Esse modelo de nupcialidade é único, sem precedentes, solidamente estruturado, com reflexos em toda a dinâmica demográfica e resultante de um complexo econômico-social específico.

O padrão de casamento tardio é acompanhado, numa cristandade austera, de taxas quase nulas de ilegitimidade dentre as populações rurais, de resto a massa majoritária dessas sociedades pré-industriais.

Parece haver uma forte e estreita correlação entre a idade ao casar com a estrutura de linhagem e do núcleo familiar, a escolha do cônjuge e a formação do casal. Tudo, ligado às diferenças de classes e de

(*) Este artigo é parte integrante da obra: **O Mundo que o caçara criou**, São Paulo, HUCITEC, (no prelo).

(1) A descoberta do modelo demográfico europeu de casamento e de fecundidade foi feita por HAJNAL, J. *European Marriage Patterns in Perspective*. In: GLASS, D.V. Eversley, D.E.C (eds.) **Population in History. Essays in Historical Demography**. London, E. Arnold, 1965, p. 101-45, realizada graças a dezenas de monografias fundadas no método de "reconstituição de famílias"

(2) O modelo parece que começa a evoluir, lentamente, desde o século XII, mas chega a se consolidar apenas a partir do século XVI, mantendo-se durante toda a época Moderna.

fortunas. Por exemplo, Chaunu percebeu, para a Europa densa dos séculos XVII e XVIII, duas estruturas diversas: uma de casamento tardio, majoritário nos meios populares; outra, de casamento menos tardio, nos meios aristocráticos, onde o casamento arranjado e o patrimônio fundiário a ser mantido e transmitido às gerações sucessivas, jogam papel essencial.

Assim, o retardamento da idade ao casar comanda tudo ao mesmo tempo: das leis de fecundidade até e, em larga medida, as sensibilidades e os comportamentos. Esse sistema provoca uma diminuição das taxas de fecundidade, onde a média de filhos tidos por casal fica em torno dos 5 ou 6, o que assegura a substituição das gerações, neste tipo de população de alta mortalidade.

E, como seriam os comportamentos e modelos de uma Demografia de áreas de povoamento mais recente, de população mais rala e com abundância de terras a desbravar, dentro de uma situação de agricultura colonial, e em suas áreas de subsistência?

Pelas minhas variadas observações posso assegurar que os padrões são nitidamente distintos, nas várias áreas do Brasil e em tempos diversos. O modelo do casamento, nos meios populares, é realizado em idades relativamente menos elevadas, em torno dos 20-22 anos, enquanto o dos grandes proprietários e das famílias da elite, são bem mais tardios, em torno dos 29-30 anos.

Ao lado da descoberta do padrão da nupcialidade e da fecundidade, quero conhecer todo o modelo demográfico que regia nossas populações brasileiras. Sob modos de produção diversos, num país de formação variada como o nosso, vários são os modelos demográficos que nele se formaram(3).

(3) Avançamos algumas hipóteses sobre os diversos padrões demográficos brasileiros

Eles diferem não apenas em termos espaciais, mais ainda sociais: a demografia do homem livre não é a mesma daquela do escravo, e nem ambas, por exemplo, se aproximam dos padrões da do índio não deculturado. Tudo, porém, não passa de hipóteses, à espera de comprovações em estudos setoriais e sistemáticos.

Por isso, resolvi aventurar-me no árduo trabalho da conquista dessas estruturas profundas, de suas mudanças aparentes e estruturais e que nos trouxessem à luz a dinâmica das populações das massas humildes e silenciosas, majoritárias sempre, dos despossuídos. Projeto ambicioso, mas concretizável, em grande parte, graças às revolucionárias técnicas, métodos e instrumental de reflexão postos à nossa disposição pela Demografia Histórica. Mais, graças ainda, à equipe de meus estudantes, que em projetos variados procura prescrutar os diversos setores sociais que formaram, em tempos diferentes, nossas humanidades pretéritas.

Assim, esse vasto projeto começa aqui com a recuperação da dinâmica da fecundidade de uma pequena comunidade rural de rústicos camponeses-pescadores da agricultura de subsistência.

Com base nas ricas e anuais listas nominativas de habitantes de Ubatuba, levantadas entre 1790 e 1830, decidi empreender uma experiência pioneira entre nós: a tentativa de reconstituir as famílias da população livre, para chegar a análises mais sofisticadas, rigorosas e profundas da

.. no passado em: MARCÍLIO, M.L. (org.) **População e Sociedade. Evolução de sociedades pré-industriais**, Cap. "Sistemas demográficos do Brasil no século XIX", Petrópolis, Vozes, 1984 e ainda: MARCÍLIO, M.L. **Urban and Rural Variants of Pre-Industrial Demographic Regimes in 19th Century Brazil**. In: BORAH, W. et alii(eds). **Urbanization in the Americas: the Background in Comparative Perspective**. Ottawa. National Museum of Man, 1980, p. 71-75.

demografia antiga de uma comunidade rural brasileira.

O método engendrado por Louis Henry de "reconstituição de famílias" pelo qual dados históricos seriados e de natureza não-demográfica são transformados em dados de base para análises demográficas elaboradas, foi meu instrumento de análise. Só que, tive de inventar processos de adaptação a uma documentação não prevista pelo Autor. Pois Henry e seus seguidores usaram as séries de registros paroquiais da cristandade (batismos, casamentos e óbitos) para compor suas fichas de famílias. Por sugestão do próprio Louis Henry, resolvi experimentar os censos nominativos anuais em um período de 40 anos, para com eles estabelecer as fichas de famílias. Os registros paroquiais de Ubatuba, em séries incompletas, conservadas no Arquivo da Cúria de Taubaté, serviram de controle dos dados montados com base das listas de habitantes.

Os trabalhos começaram em 1969, e as dificuldades a serem contornadas nem sempre foram simples. Apenas sabia, que, com base nas listas de habitantes, vários problemas complexos, ligados às características distintas de nossa população e à aplicação do método às suas peculiaridades, estariam contornadas. Mas devia procurar caminhos próprios e bem mais sinuosos e longos do que os já trabalhados e indicados nos manuais de Henry. A tarefa foi largamente compensada e altamente gratificante.

Já indiquei, em vários trabalhos, os problemas colocados para a Demografia Histórica brasileira, pelo nosso sistema de transmissão de nomes de famílias, no passado⁽⁴⁾. Sem aparentemente nenhuma regra para passar sobrenomes dos pais aos

filhos, estes, dentro de um único casal, podiam apresentar composições de nomes extraídos do pai, da mãe, dos avós ou suas variadas combinações, inclusive criando um sobrenome completamente novo. Ai está a primeira grande dificuldade para o historiador que queira conhecer a demografia tradicional de grupos brasileiros do passado, utilizando o método Henry. Porque este utilizava-se do nome de família, como um dos elementos chaves para identificar e reconstituir famílias.

Como se sabe, o método Henry permite determinar, com alto grau de precisão e com variada diferenciação, os fenômenos demográficos vitais da reprodução, da nupcialidade, da mortalidade e, no limite, das migrações. Além do que, extrapolando o campo puramente das análises demográficas, as fichas de famílias "à la Henry" são instrumentos preciosíssimos do entendimento e vivência de situações do passado, de modos de viver e sentir, de formas de estabelecimento e organização familiar, de padrões de comportamento e atitudes de coletividade que nos antecederam. Particularmente das "massas silenciosas" que não puderam produzir os documentos de sua própria história.

De fato, através do processo de "reconstituição de famílias" verdadeiras histórias de vida de cada família e de todo o povo, rico e pobre, oprimido ou opressor, branco, mulato, índio ou negro é que vão sendo resgatadas. O povo começa a "falar": fala de como vinha à luz, quando realizava o amor, a vida, como celebrava seus casamentos — momento importante nas histórias individuais — como e quando enfrentava o momento crucial de ruptura da vida, pela morte.

O fenômeno do amor, da vida e da morte deixa, então, de ser visto através dos poucos testemunhos que foram registrados e que foram conservados até nós. Não se usam mais exemplos isolados, casualmente encontrados, mas é toda uma coletividade que está presente na análise.

(4) Ver sobretudo: MARCÍLIO, M.L. *Anthropimye au Brésil*. In: HENRY, L. (ed). *Variations des noms et des prénoms dans différents pays*. Dolhain, Ordina Editions, 1974.

Daí a novidade e a revolução que o método conseguiu trazer nas formas de fazer História e que explica também seu sucesso, do lado da Demografia.

Com a revelação dos padrões de fecundidade, de natalidade, de nupcialidade, de mortalidade, do dinamismo interno e das estruturas das famílias, realidades humanas inatendidas, ignoradas, emergem. Seu conhecimento, por sua vez, e numa cadeia quase sem fim, provoca novos questionamentos, a exigirem novas buscas, quantitativas e qualitativas, se se quiser chegar a novas respostas. O historiador da Demografia não pode, nem que o queira, ser um mero analista de taxas e coeficientes. Estes são apenas as primeiras ferramentas de suas análises. Daí a dificuldade que traz a Demografia Histórica. Pois, além de uma boa formação demográfica de base, ela exige de seus pesquisadores uma formação, sobretudo uma sensibilidade do humanista, que possa ver e sentir nas frias taxas e números encontrados a vida repleta e complexa da humanidade que estão por trás deles. Por isso, é preciso uma iniciação pelo menos em campos que vão da Antropologia à Medicina Social e Preventiva, da Sociologia à Psicologia Coletiva, passando pela Estatística e com todo o arsenal do ofício do Historiador.

O ideal mesmo seria a constituição de uma equipe multidisciplinar, a reunião, em torno de um mesmo projeto, de cientistas de formação variada, que ao meu ver devem ser liderados pelo Historiador, com sua visão mais ampla e flexível. Enquanto os ideais continuam no campo da utopia, temos de nos contentar com as pesquisas realizadas individualmente, apesar de suas limitações.

Não vou me deter aqui na representação e discussão do método de "reconstituição de famílias" e suas vantagens⁽⁵⁾.

(5) Uma síntese desse método, com indicações bibliográficas, pode ser encontrada

Apenas lembro que as famílias reconstituídas pelo método Henry têm suas limitações. Pelos registros paroquiais, ele só chega a recompor as famílias legalmente estabelecidas, casadas na Igreja, e mesmo para estas, só há total sucesso para as famílias sedentárias, que casam e morrem na mesma Paróquia.

As antigas populações brasileiras, além de uma incrível variedade de nomes de famílias que cada filho poderia receber na pia batismal (problema até certo ponto contornável), caracterizavam-se por elevadas taxas de ilegitimidade, de uniões consensuais estáveis e não estáveis, e de grande mobilidade espacial. Além do que, toda a massa de escravos, se casava, raramente legalmente e nunca recebia sobrenomes. Para esta, pois, o método se mostra inútil.

O Problema dos Dados e do Método

Estudar a Demografia do passado brasileiro, apenas com base nos registros paroquiais, para a reconstituição das famílias, leva necessariamente a resultados parciais e limitados e a uma categoria restrita da população, aquela mais estável e legitimamente constituída e livre.

Por isso, minha tentativa de usar as listas nominativas dos domicílios de todos os habitantes — auxiliadas pelos registros paroquiais ainda conservados — poderia ser um meio de contornar esses problemas e de se chegar a resultados bem mais universais.

A limitação é que a série de censos nominais da Vila de Ubatuba só cobre um período de pouco mais de uma única geração, que por sua vez gera novos problemas, pois parte considerável das famílias que chego a reconstituir não pode ser

.. em HENRY. L. O levantamento dos registros paroquiais e a técnica de reconstituição de famílias. In: MARCÍLIO, M.L.(ed.) *Demografia Histórica*. São Paulo, Pioneira, 1977.

completada, uma vez que suas vidas conjugais continuavam, mesmo após o último censo disponível.

A despeito disso, os resultados mostraram-se ricos e animadores e revelaram padrões diferenciais da dinâmica populacional de uma comunidade antiga, formada em quase sua inteira totalidade de caiçaras, pobres, que sem esse método continuariam completamente desconhecidos.

As listas nominativas de habitantes, por si só já contornavam algumas das dificuldades, como a do nome da família e da composição e estrutura de todo o grupo doméstico⁽⁶⁾.

Comecei trabalhando o censo mais antigo que se mostrava em melhor estado de conservação e cobria toda a população (1790). Cada família livre nele registrada foi objeto de abertura de uma ficha de família, modelo Henry, correspondente com a anotação de cada informação nela contida, não apenas relativa ao casal e seus filhos, como também de todo domicílio (incluindo os escravos, a produção anual do fogo, e todas as demais pessoas que nele residiam).

A partir destas fichas do ano-base, foram seguidas, a cada censo sucessivo, as alterações ocorridas em cada família: nascimentos, casamentos, mortes, saídas e entradas. O difícil estava em identificar e em localizar, em cada nova lista, cada família anteriormente estabelecida em ficha. Muitas deixaram, ao longo do caminho de ser encontradas. Não podia saber com certeza se a morte de um dos membros do casal ou a saída do município era a causa de seu desaparecimento. Poderia pensar ainda na omissão sistemática ou casual dos recenseadores, em certos casos. Ainda, poderia ter ocorrido uma variação

do nome do chefe do domicílio, tornando impossível sua posterior identificação. No entanto, através dos demais elementos da família pude recuperar a história de alguns destes casos. As famílias que se constituíam depois do ano-base, ou que foram entrando na Vila, eram objeto da abertura de novas fichas.

As fichas, mantidas em ordem alfabética pelo pronome do marido, no final de toda a trabalhosa operação de montagem de famílias, até 1830, foram reordenadas pelo pronome da esposa, a fim de controlar possíveis duplicações de fichas, em nome de uma mesma família.

Se, pelas listas nominativas dos habitantes, não temos possibilidades de conhecer a data completa (dia, mês, mas só ano) dos eventos vitais ocorridos em cada família (nascimentos, casamentos e mortes), como nos oferecem os registros paroquiais, por outro lado elas apresentavam suas vantagens em relação a séries de registros da catolicidade. Em Ubatuba, os recenseadores anotavam com cuidado todas as eventualidades ocorridas no ano, em cada domicílio, nascimentos, casamentos, mortes, entradas e saídas de membros da família nuclear e de agregados e escravos, bem como outras ocorrências (compra e venda de escravos, idades de todos, naturalidades, cor, legitimidade, filhos do primeiro ou segundo casamento, parentesco entre os membros, profissão do chefe, produção anual do fogo, assinatura ou não do chefe). Estes dados, anotei-os no verso de cada ficha de família, o que possibilitou uma verdadeira história de vida de cada unidade conjugal da população livre.

Neste artigo, limito-me a apresentar resultados parciais desta pesquisa, ou seja, a estrutura e a dinâmica da fecundidade dos camponeses de Ubatuba, no período de estudo (1790-1830).

Com essas centenas de famílias ficha-

(6) A bela coleção das listas de todos os habitantes da Vila de Ubatuba, entre 1765 e 1830, encontra-se no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

FECUNDIDADE CAMPONESA

das e reconstituídas, e com todas as possíveis informações sobre cada uma delas recuperadas, iniciava-se outra fase da pesquisa, não menos trabalhosa. É que extrair de um conjunto de histórias individuais, uma história coletiva, objeto mesmo da Demografia, exige perícia e habilidade não apenas do demógrafo, mas a flexibilidade do historiador. Era mister, igualmente, o conhecimento de teorias e explicações sobre sociedades agrárias rústicas, para se chegar a um resultado aceitável.

A Fecundidade da Família Camponesa Tradicional

As famílias que conseguiu reconstituir foram 1.300, no período indicado.

Na maioria dos cálculos serão utilizadas as "famílias completas" ou seja, aquelas em que pude obter as datas calculadas do casamento, do nascimento e do "fim de observação" de ambos os cônjuges. As famílias completas são chamadas de tipo MF, pela definição de Henry⁽⁷⁾.

Em Ubatuba, das 1.300 famílias recuperadas, o resultado obtido foi o seguinte:

TIPOS DE FICHAS DE FAMÍLIA

| | F | % | O | % | conjunto | % |
|-------|-------|----|----|---|----------|-----|
| M | 856 | 66 | 22 | 1 | 878 | 67 |
| E | 387 | 30 | 35 | 3 | 422 | 33 |
| Total | 1.243 | 96 | 57 | 4 | 1.300 | 100 |

Onde: M = data do casamento conhecida; F = data do fim de observação; E = casamento realizado no exterior da vila, portanto com data desconhecida; O = fichas abertas, ou sem data de fim de observação conhecida.

No total das 1.300 famílias houve 132 recasamentos.

Assim, 66% das famílias reconstituídas são completos e entram na maioria destas análises. O rendimento da reconstituição das famílias foi, de acordo com o método adotado, de 97,5%, demonstrando-se, assim, altamente satisfatório.

É pois, do conjunto das histórias individuais das famílias reconstituídas por meio de procedimentos especiais elabora-

dos por Henry e, também, por Pierre Goubert, que irei proceder aos cálculos e análises do fenômeno da reprodução humana, das coletividades que viveram em Ubatuba.

Parti, inicialmente, de uma visão de conjunto da natalidade do caixara. Para tanto, utilizo apenas os dados oferecidos pelos quadros de população em datas selecionadas.

TAXA BRUTA DE NATALIDADE

| Ano | População | TBN Geral N.º p. 1000 | | Pop. Livre | TBN dos livres N.º p. 1000 | | Pop. Escrava | TBN dos Escravos N.º p. 1000 | |
|------|-----------|--------------------------|------|------------|-------------------------------|------|--------------|------------------------------------|------|
| 1798 | 2.164 | 84 | 38,9 | 1.698 | 73 | 43,0 | 446 | 11 | 23,6 |
| 1808 | 2.475 | 113 | 45,6 | 1.957 | 94 | 48,0 | 516 | 19 | 36,7 |
| 1818 | 4.877 | 209 | 42,8 | 3.150 | 150 | 47,6 | 1.727 | 59 | 34,1 |

Fonte: Mapas de População. Ubatuba. Arquivo Público do Estado de S. Paulo (APESP).

(7) L. Henry publicou inúmeros manuais. Para o conhecimento dos tipos de famílias, sugi-

ro principalmente seu último: HENRY, L. *Téchniques d'analyse en Démographic Historique*. Paris, INED, 1980.

Procurarei, agora, descer a análises mais elaboradas sobre o fenômeno da fecundidade camponesa, com base nas fichas de família reconstituídas.

Estabeleci, a partir das fichas de famílias, dois tipos de tabelas para cálculos posteriores:

1) A primeira, dando para cada família e à razão de uma linha por família, o número de anos de vida conjugal vividos pela esposa e o número de filhos nascidos em cada grupo de idade da mãe. Uma folha de cálculos preliminares foi montada, onde para cada família há uma linha correspondente, onde foram anotados: o número de nascimentos que cada uma deu à luz, o número da ficha de família, a duração da vida conjugal por grupo de idade da mulher ao casar, a idade da última maternidade e o número de nascimentos tidos fora da observação, ou seja, no último grupo etário de vida conjugal não

completo (inferior a cinco anos). Por esta tabela pude elaborar os cálculos de fecundidade materna, conforme a idade da mãe.

2) A segunda, dando para cada família, e à razão de uma linha por família, a duração da união da mulher e o número de filhos tidos em cada grupo de 5 anos de vida conjugal, a fim de chegar aos cálculos sobre a fecundidade materna de acordo com a duração da união. Foram eliminadas as uniões observadas e em períodos de duração inferior a 5 anos. A perda destas observações, contudo, é reglenciável⁽⁸⁾.

Com estes procedimentos cheguei a construir uma tabela sobre as taxas de fecundidade legítima, inicialmente para o conjunto das idades da mãe ao casar e dos filhos tidos, por grupos etários da mulher. Os resultados são os seguintes:

TAXA DE FECUNDIDADE POR GRUPOS ETÁRIOS

| Mulheres casadas no período ⁽⁹⁾ | Idade observada da mãe | | | | | | | Número de mulheres observadas | |
|--|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------------------------------|-------|
| | 10-14 | 15-19 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | 35-39 | 40-44 | | 45-49 |
| 1790-1830 | 363 | 480 | 469 | 421 | 388 | 247 | 167 | 047 | 750 |

A fecundidade legítima de Ubatuba é, pois, além de precoce, muito elevada, particularmente nas idades mais jovens, da mãe. A maior fecundidade concentrava-se nas idades maternas de 15-19 e 25-29 anos, começando a infletir a curva daí para a frente.

Sociedades novas, em regime de abundância de terras a ocupar e pré-malthusianas, parecem apresentar níveis muito elevados de natalidade.

Mas é preciso lembrar que a idade da mãe ao casar é um fator que influencia os coeficientes de fecundidade. Em Ubatuba, as idades médias ao casar giravam em torno de 20 anos para as moças e de 21 para

os rapazes. Com casamento em idades baixas, o padrão de fecundidade é elevado nessas sociedades tradicionais.

Em todos os grupos etários (à exceção das adolescentes, casadas entre 10-14 anos) a fecundidade é mais intensa nos primeiros cinco anos, após o casamento da mãe, declinando gradativamente depois. Em sociedades agrárias pré-indus-

(8) Todos estes procedimentos vêm descritos em HENRY, L. *Manuel de Démographie Historique*, Paris, Droz, 1970. p. 80 e segs.

(9) Muitas de nossas famílias têm suas observações iniciadas bem antes de 1790 e são seguidas após 1830, dependendo das possibilidades da documentação.

TABELA 1

TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA
POR 1.000 MULHERES CASADAS
CONFORME A IDADE DA MÃE AO CASAR

| Idade da mãe ao casar | Idade observada da mãe | | | | | | | | N.º mulheres observadas |
|------------------------------|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------------------------|
| | 10-14 | 15-19 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | 35-39 | 40-44 | 45-49 | |
| 10-14 anos | 363 | 458 | 432 | 400 | 366 | 330 | 144 | 033 | 69 |
| 15-19 | — | 490 | 462 | 403 | 359 | 169 | 152 | 038 | 288 |
| 20-24 | — | — | 494 | 428 | 421 | 263 | 208 | 104 | 216 |
| 25-29 | — | — | — | 460 | 388 | 263 | 128 | 050 | 92 |
| 30-34 | — | — | — | — | 373 | 253 | 128 | 028 | 33 |
| 35-39 | — | — | — | — | — | 369 | 181 | 028 | 29 |
| 40 e + | — | — | — | — | — | — | 207 | 032 | 23 |
| Taxa de fecundidade legítima | 363 | 480 | 469 | 421 | 388 | 247 | 167 | 047 | 750 |

triais, pois a fecundidade no casamento era função, em larga medida, da idade da mãe ao casar, na ausência de práticas contraceptivas.

Em nossas sociedades tradicionais rústicas o melhor meio natural de aumentar o espaçamento intergenésico (do nascimento de um filho para outro), evitando-se chegar a uma natalidade biológica natural, seria a prática generalizada do aleitamento materno prolongado. As mães pobres aleitavam seus próprios filhos. O mesmo nem sempre ocorria entre as senhoras de grandes escravarias, que usualmente entregavam seus filhos para as amas de leite negras, considerado de leite mais "forte".

Passemos a examinar as taxas de fecundidade, agora em função da duração do casamento e de acordo com os grupos etários da mãe.

"Em populações atuais, onde a limitação da natalidade é largamente praticada, as taxas de fecundidade, à idade igual, são muito diferentes, segundo a duração do casamento. Esta relação se explica facilmente: a maior parte dos casais, a partir de um certo número de filhos, passa a não mais desejar outros. A proporção de casais que atinge o número desejado de filhos aumenta

concomitantemente, com a duração do casamento, passando a tornarem-se voluntariamente infecundos. Na verdade, alguns ainda terão filhos, mais por erro de contracepção do que por se deixarem submeter à natureza. A fecundidade então diminui forçosamente, em média, após o nascimento do último filho planejado e portanto, com a duração do casamento. No entanto, em regime pré-malthusiano, o comportamento dos casais é, por definição, independente do número de filhos tidos. Certos fatores, todavia, independentes da vontade humana, podem estar ligados a esse número. Fenômenos de seleção natural, de esterilidade temporária ou definitiva (infecção, acidentes, mortes por parto etc.) podem dar à duração do casamento uma influência aparente"(10).

Pelo exame da duração da união, podemos perceber o fenômeno da fecundidade em função desse fator. Sem esquecer, contudo, que o regime de alta fecundidade que estamos analisando é contrabalanceado por uma mortalidade igualmente elevada. Por outro lado, a dimensão da família

(10) CAUTIER, E. & HENRY, L. *La population de Crulai, paroisse normande*. Paris, PUF, 1958, p. 100.

TABELA 2

DURAÇÃO DA UNIÃO E NÚMERO DE FILHOS TIDOS

| N.º de filhos tidos | Duração da União | | | | | | Total de Famílias |
|---------------------|------------------|------------|-------------|-------------|----------------|-------------|-------------------|
| | 0-9 anos | | 10-19 anos | | 20 e mais anos | | |
| | Total | f | Total | f | Total | f | |
| 0 | 120 | 0 | 27 | 0 | 10 | 0 | 157 |
| 1 | 95 | 95 | 16 | 16 | 7 | 7 | 118 |
| 2 | 70 | 140 | 13 | 26 | 9 | 18 | 92 |
| 3 | 60 | 180 | 23 | 69 | 10 | 30 | 93 |
| 4 | 44 | 176 | 123 | 92 | 4 | 16 | 71 |
| 5 | 21 | 105 | 25 | 125 | 9 | 45 | 55 |
| 6 | 14 | 84 | 32 | 192 | 12 | 72 | 58 |
| 7 | 2 | 14 | 27 | 189 | 14 | 98 | 43 |
| 8 | — | — | 25 | 200 | 19 | 152 | 44 |
| 9 | — | — | 15 | 135 | 10 | 90 | 25 |
| 10 | — | — | 14 | 140 | 10 | 100 | 24 |
| 11 | — | — | 9 | 99 | 21 | 231 | 30 |
| 12 | — | — | 4 | 48 | 15 | 180 | 19 |
| 13 | — | — | — | — | 10 | 130 | 10 |
| 14 | — | — | 1 | 14 | 5 | 70 | 6 |
| 15 | — | — | — | — | 5 | 75 | 5 |
| 16 | — | — | — | — | 2 | 32 | 2 |
| 17 | — | — | — | — | 1 | 17 | 1 |
| 18 | — | — | — | — | 2 | 36 | 2 |
| 19 | — | — | — | — | 1 | 19 | 1 |
| Total | 426 | 794 | 254 | 1345 | 176 | 1418 | 856 |
| Média filhos | 1,86 | | 5,30 | | 8,06 | | 4,16 |

conjugal, nessa sociedade, está em razão direta da duração da vida do casal e dentro do período fértil da mãe. Esta duração útil depende, por sua vez, da idade ao casar e da mortalidade, fechando-se o ciclo vital de cada unidade familiar ou individual.

A cada grupo de duração da união (0-9 anos; 10-19; 20 e mais) corresponde uma distribuição particular das famílias completas, conforme suas dimensões.

Assim, para o primeiro grupo (casamentos com duração entre 0 e 9 anos), a média de filhos tidos é de 1,86; para o segundo (10-19 anos de vida conjugal), de 5,30 filhos por união e para o terceiro

grupo (20 anos e mais), a média é de 8,06 filhos por mãe, dando uma média geral por famílias de 4,16 filhos.

Considerando-se agora, dentre as famílias completas, apenas aquelas cujas mulheres permaneceram casadas até 50 anos de idade (fim do período fértil) e somente as que se casaram com idades inferiores a 40 anos, a dimensão das famílias e do número de filhos tidos, em todo o período de duração da união, passa a ser bem maior.

As jovens que se casaram entre 10 e 14 anos e que permaneceram casadas até os 50 anos tiveram as maiores médias de filhos, 11,4, em toda a sua vida. Números

TABELA 3

FECUNDIDADE PELA IDADE AO CASAR DA MULHER
(APENAS MULHERES AINDA CASADAS AOS 50 ANOS)

| N.º de filhos tidos | Idade ao casar da mãe | | | | | |
|---------------------------|-----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | 10-14 | 15-19 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | 35-39 |
| 0 | — | 1 | 1 | 1 | 1 | 14 |
| 1 | — | — | 2 | 3 | — | 2 |
| 2 | — | 2 | — | — | — | 5 |
| 3 | — | — | 2 | — | 2 | 3 |
| 4 | — | 1 | — | 2 | — | 2 |
| 5 | — | — | — | — | 2 | — |
| 6 | 1 | 3 | 2 | 4 | 1 | 1 |
| 7 | — | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 |
| 8 | 2 | 4 | 4 | 1 | — | — |
| 9 | 1 | — | 7 | — | — | — |
| 10 | 2 | 3 | 6 | 1 | — | — |
| 11 | — | 4 | 5 | — | — | — |
| 12 | 1 | 1 | 2 | 1 | — | — |
| 13 | — | 1 | 2 | 1 | — | — |
| 14 | 2 | 1 | 1 | — | — | — |
| 15 | — | 2 | — | — | — | — |
| 16 | 1 | — | 1 | — | — | — |
| 17 | — | — | — | — | — | — |
| 18 | — | — | — | — | — | — |
| 19 | 1 | — | — | — | — | — |
| Total de famílias | | | | | | |
| observadas | 11 | 25 | 37 | 16 | 7 | 28 |
| N.º filhos | 126 | 215 | 324 | 92 | 29 | 42 |
| Média de filhos | | | | | | |
| por famílias | 11,4 | 8,6 | 8,7 | 5,7 | 4,1 | 1,5 |

elevados de filhos ocorriam, ainda, entre aquelas que se casaram entre 15-19 anos e 20-24 anos, confirmando que o padrão de fecundidade camponesa era função da idade ao casar e da duração da união.

Vejamos por outro ângulo o mesmo fenômeno da fecundidade, em razão da idade ao casar da mãe e de sua duração da união.

A tabela 4 confirma a anterior. A idade ao casar da mãe camponesa era fator preponderante no maior número de filhos do casal. Como a média ao casar das mu-

lheres de Ubatuba era de cerca de 20 anos, está aí determinado o padrão de fecundidade dessa sociedade camponesa. Com a idade ao casar mais precoce, a fecundidade é muito elevada, o que poderia ainda ser visto mais de perto com as análises que se seguem.

As taxas de fecundidade das mães que se casaram entre 10-14 e 15-19 anos em Ubatuba são, como vimos, muito elevadas, especialmente quando comparadas a outras sociedades camponesas européias.

Em Ubatuba, além de uma média de

TABELA 4

TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA
POR 1000 MULHERES
E POR DURAÇÃO DA UNIÃO, CONFORME A IDADE AO CASAR DA MULHER

| Idade da mulher ao casar | Duração da união | | | | | | | Nascim. fora de observação | N.º Mulheres observadas |
|--------------------------|------------------|-----|-------|-------|-------|-------|-------|----------------------------|-------------------------|
| | 0-4 anos | 5-9 | 10-14 | 15-19 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | | |
| 10-14 anos | 400 | 409 | 405 | 373 | 266 | 284 | 088 | 61 | 70 |
| 15-19 | 441 | 417 | 387 | 302 | 206 | 069 | 011 | 301 | 363 |
| 20-24 | 488 | 433 | 382 | 288 | 145 | 062 | — | 226 | 293 |
| 25-29 | 423 | 340 | 216 | 091 | 040 | — | — | 79 | 119 |
| 30-34 | 335 | 171 | 133 | 028 | — | — | — | 33 | 47 |
| 35-39 | 278 | 105 | 040 | — | — | — | — | 8 | 32 |
| 40 e + | 133 | — | — | — | — | — | — | — | 32 |
| Total Idades | 427 | 380 | 342 | 266 | 166 | 097 | 017 | 708 | 956 |

TABELA 5

FECUNDIDADE DAS MÃES CASADAS MUITO JOVENS
E INTERVALO ENTRE O CASAMENTO E O
PRIMEIRO FILHO TIDO

| Idade da mulher ao casar | Intervalo entre o casamento e o 1.º nascimento | | | | | | | | | | | Total |
|--------------------------|--|-------|----|---|---|---|---|---|---|---|----|-------|
| | menos 12m | 1 ano | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
| 11 anos | — | — | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 |
| 12 | 2 | 8 | — | — | — | 1 | — | — | — | — | — | 11 |
| 13 | 2 | 11 | 1 | 1 | — | — | — | — | — | — | — | 15 |
| 14 | 6 | 19 | 7 | 5 | 1 | 1 | — | — | 1 | — | — | 40 |
| 15 | 8 | 18 | 3 | 5 | 1 | — | — | — | 1 | — | — | 36 |
| 16 | 15 | 31 | 8 | 1 | 1 | — | 1 | — | — | — | 1 | 58 |
| 17 | 15 | 37 | 12 | 5 | — | — | — | — | — | — | 1 | 70 |
| 18 | 31 | 39 | 8 | 5 | — | 2 | — | — | — | — | — | 85 |

idade ao casar baixa, o intervalo entre o casamento e o nascimento do primeiro filho não era tão grande: em média situava-se nos primeiros vinte e três meses após as núpcias. Um meio para se verificar a influência da idade ao casar e de se eliminar o efeito parasita da mortalidade é de verificar a distribuição do intervalo entre o casamento e o primeiro nascimento do filho, por idade das mães que permanecem em estado conjugal pelo menos por dez anos. Foram eliminadas as jovens que se casaram antes de 20 anos e que não tiveram filhos até essa idade (46 no total).

Distribuí as restantes, da maneira que se segue (tabela 5), lembrando que os intervalos em meses não são tão rigorosos, uma vez que, pelas listas de habitantes, os bebês menores de um ano são apresentados em meses.

Quanto menor a idade ao casar da mulher, menor é a proporção da faixa de 10 a 19 anos que teve seu primeiro filho antes do primeiro ano de casamento. O fenômeno da "esterilidade das adolescentes" observado em várias populações, confirma-se igualmente entre as mulheres

FECUNDIDADE CAMPONESA

caixaras. Porém, 515 delas tiveram seu primeiro filho entre o 13.º e o 24.º mês após o casamento. É por isso que Maria Francisca do Nascimento, casada aos 2 de junho de 1816, com 19 anos, só teve seu primeiro filho, Manoel, aos 4 de janeiro de 1818, dezenove meses após seu casamento. Anna, sua segunda filha, nasceu porém, apenas onze meses depois do nascimento de Manoel (22 de dezembro de 1818)(11). Luiza dos Santos mulher do roceiro-pescador Marcos Álvares de Moura, casou-se em 28 de julho de 1799, com 15 anos. Até seus quarenta anos ela teve 17 filhos. Sua primeira filha porém, ao contrário da maioria das mães tão jovens, nasceu onze meses após seu casamento. Mas o caso de Luiza é excepcexcepcional.

A noiva mais nova de todo o período estudado foi Maria da Costa, que se casou em 23 de agosto de 1806, com apenas 13 anos. Seu marido tinha então 25 anos e era roceiro pobre. Seu primeiro filho, Manoel, só veio à luz aos 19 de maio de 1808, vinte e três meses depois das núpcias. A mãe morreu muito cedo, aos 20 anos, de parto, e teve 3 filhos no total.

Passo ao exame do fenômeno da fecundidade camponesa de Ubatuba no outro extremo da vida conjugal: o da idade da mãe ao ter seu último filho.

A idade à última maternidade não é tão simples de ser detectada, salvo para as mulheres que atingiram os 45 anos em estado conjugal. À medida que a idade vai aumentando, uma parte das mulheres torna-se não apta para conceber novos filhos. Em parte, pelo menos, a baixa da fecundidade com a idade é devida ao aumento da proporção de casais que não atuam em sua reprodução.

(11) Datas e eventos foram extraídos dos Registros Paroquiais de Ubatuba que ainda restam e que estão conservados no Arquivo da Cúria Diocesana de Taubaté. Os dados desses registros eclesiásticos foram de grande utilidade para controle e complementação de informações das fichas de famílias.

Tem-se verificado no passado que a idade à última maternidade concentra-se em torno dos 40 anos. Para poder verificar esse fenômeno, começo por comparar as distribuições de idade na última maternidade das mulheres casadas entre as idades de menos de 20 anos e até 20 anos. Na tabela 6 estão consideradas as mães que tiveram seu último filho aos 30 anos ou mais e que atingiram essa idade estando casadas e férteis. A comparação das repartições a partir de 30 anos incide, pois, sobre a progressão da infecundidade, em três grupos etários de mulheres definidas da mesma maneira, mas diferenciadas pela idade ao casar.

Deduz-se que a esterilidade definitiva é precedida de uma baixa da fecundidade. Vários estudos têm demonstrado que no interior de uma mesma família, o último intervalo entre nascimentos de filhos é nitidamente mais elevado do que o dos precedentes.

Na tabela 6, a penúltima coluna da direita mostra o total acumulado, a partir de baixo, das freqüências da antepenúltima coluna (mulheres casadas aos 20-29 anos). Este total acumulado é igual ao número de mulheres ainda fecundas, no início do ano, do grupo de idades considerado. Multiplicando-o por mil, aos 30 anos, temos o número de mulheres ainda fecundas a cada grupo etário, por mil aos 30 anos. Assim, sobre 37 mulheres casadas aos 20-24 anos, 34, ou seja 919 em cada mil, são ainda fecundas aos 30 anos. Para as 16 mulheres casadas aos 25-29 anos, a proporção análoga é de 875. A média aritmética, por mil, pode ser atribuída às mulheres casadas aos 25 anos completos, ou seja, 897. Multiplicando-se a última coluna da tabela por 0,897 e tomando-se o complemento 1 chegamos aos número das mulheres casadas aos 25 anos exatos, doravante infecundas, no início da idade considerada.

Aos 40 anos, metade das mulheres que se casaram aos 25 anos já estavam infe-

TABELA 6

COEFICIENTE DE INFECUNDIDADE
CASAMENTOS DE 1790 A 1830 ENTRE RESIDENTES
MULHERES DE IDADE APROXIMADA
(FICHAS MF)(12)

| Idade à última maternidade | Idade da mulher ao casar | | | | Frequência acumulada | Por 1000 aos 30 anos |
|----------------------------|--------------------------|-------|-------|-------|----------------------|----------------------|
| | 20 anos | 20-24 | 25-29 | 20-29 | | |
| Nenhum filho | 1 | 1 | 1 | 2 | 53 | — |
| < 25 anos | 1 | 2 | — | 2 | 51 | — |
| 25-29 | 2 | — | 1 | 1 | 49 | — |
| 30 anos | — | — | — | — | (49) | 1000 |
| 31 | 2 | — | 1 | 1 | 48 | 979 |
| 32 | 2 | 1 | — | 1 | 47 | 959 |
| 33 | — | — | 1 | 1 | 46 | 939 |
| 34 | 1 | 3 | — | 3 | 45 | 919 |
| 35 | 4 | — | 2 | 2 | 42 | 857 |
| 36 | — | 4 | — | 4 | 40 | 816 |
| 37 | 2 | 2 | 1 | 3 | 36 | 735 |
| 38 | — | 1 | 1 | 2 | 33 | 673 |
| 39 | 4 | 2 | 1 | 3 | 31 | 633 |
| 40 | 5 | 5 | — | 5 | 28 | 571 |
| 41 | 3 | 1 | 3 | 4 | 23 | 469 |
| 42 | 2 | 3 | — | 3 | 19 | 388 |
| 43 | 2 | 3 | 1 | 4 | 16 | 326 |
| 44 | 1 | 2 | — | 2 | 12 | 245 |
| 45 | 3 | 3 | 1 | 4 | 10 | 204 |
| 46 | 1 | — | — | — | — | — |
| 47 | 1 | — | — | — | — | — |
| 48 | 1 | — | 1 | 1 | 6 | 122 |
| 49 | — | 2 | 1 | 3 | 5 | 102 |
| — | | | | | | |
| 53 | 1 | 2 | — | 2 | 2 | — |
| Total | 39 | 37 | 16 | 53 | 53 | — |

(12) Para medir a frequência da infecundidade definitiva foram utilizadas apenas observações de mulheres que tiveram pelo menos 5 anos de vida conjugal, após o casamento e exclusivamente as famílias completas que se mantiveram casadas até 53 anos. Por isso, o número de observações é muito pequeno.

TABELA 7

MULHERES DORAVANTE
INFECUNDAS POR 1000 MULHERES,
DE ACORDO COM A IDADE

| Idade em que se tornaram estéreis | Por 1000 no total de mulheres na idade: |
|-----------------------------------|---|
| 25 anos | — |
| 30 | 125 |
| 31 | 143 |
| 32 | 160 |
| 33 | 178 |
| 34 | 196 |
| 35 | 250 |
| 36 | 286 |
| 37 | 357 |
| 38 | 411 |
| 39 | 446 |
| 40 | 500 |
| 41 | 589 |
| 42 | 660 |
| 43 | 715 |
| 44 | 786 |
| 45 | 821 |
| — | — |
| 49 | 893 |

cundas e aos 43 anos elas já constituíam-se em três-terços de seu total.

Através destes resultados podemos obter a idade média na última maternidade das mulheres camponesas casadas de Ubatuba e compará-la com uma outra população camponesa, em situação diversa, apenas para se ter uma ordem de grandeza.

Apesar das camponesas de Ubatuba casarem-se bem mais cedo do que as camponesas do Noroeste da França do Antigo Regime, elas continuavam a ter filhos até idades elevadas e semelhantes a estas. Mas é preciso não esquecer que poucos foram os casais que chegaram vivos até os 49 anos da esposa.

Passo a considerar agora o número de filhos tidos por mulher casada em Ubatuba.

TABELA 8

IDADE MÉDIA DA ESPOSA NA
ÚLTIMA MATERNIDADE

| Idade ao casar | Ubatuba | N.º da França (1670-1829)(13) |
|------------------|---------|-------------------------------|
| menos de 20 anos | 38,5 | 38,7 |
| 20-24 | 39,7 | 39,6 |
| 25-29 | 38,9 | 39,7 |

Considerarei aqui a descendência unicamente dos nascimentos legítimos, extraídos das fichas de famílias reconstituídas.

Os dados paroquiais de batismos do período em apreço estão muito incompletos e os livros em precário estado de conservação. Por isso não considereirei a fecundidade ilegítima.

No entanto, apesar disso, queria ter uma ordem de grandeza sobre a proporção dos ilegítimos entre os caixas. Para isso, utilizei os registros de batizados, nos anos completos de dados, entre 1785 e 1830. Nesse intervalo, contamos 1910 registros de batismos, no total. Neles encontrei 82,2% de nascimentos legítimos e 16,4% de naturais, com somente 0,6% dos chamados "expostos" ou enjeitados (e 0,8% de crianças, cujo nascimento não estava declarado).

Assim, pois, 17% de bastardos constituiu-se na menor proporção de ilegítimos até agora encontrada em sociedades do passado brasileiro já estudadas. É que, além de um padrão de austeridade maior, existente nas áreas de agricultura de subsistência e sociedade camponesa, quando comparadas àquelas ligadas à economia de exportação ou mineradora, havia nestas um controle social maior entre seus membros e a família era, entre os camponeses, não apenas o grupo de reprodução biológica e social, mas o grupo básico de produção e de trabalho.

(13) Conforme dados extraídos de HENRY L. Fecondité des Mariages dans le Quart Nord-Ouest de la France de 1670 à 1829. *Population*, 28 (4-5): 909 juil-oct, 1973.

TABELA 9

DESCENDÊNCIA LEGÍTIMA COMPLETA
PELAS TAXAS DE FECUNDIDADE
LEGÍTIMA E POR IDADE AO
AO CASAR DA MÃE

| Idade ao casar da mãe | Descendência completa pelas taxas de fecundidade |
|-----------------------|--|
| 10-14 | 11,24 |
| 15-19 | 9,23 |
| 20-24 | 8,59 |
| 25-29 | 5,53 |
| 30-34 | 2,14 |
| 35 e mais | 2,05 |

Passo, então, à descendência legítima (tabela 9), com base nas fichas de famílias completas, conforme o método indicado.

Os resultados dessa tabela corrigem ligeiramente as médias de filhos tidos, obtidos em tabela anterior. Mais uma vez ficam comprovadas as maiores probabilidades de uma descendência maior para as moças que se casavam cedo e permaneciam casadas até pelo menos durante 35 anos. Neste caso, a descendência completa seria de cerca de 11 filhos.

O mesmo fenômeno da descendência pode ser analisado por outro ângulo, ou seja, através das taxas de fecundidade e a idade da mãe ao casar.

Para se obter esses resultados (tabela 10), a técnica usada é a seguinte. Somam-se, para cada grupo de idade ao casar da mãe, por exemplo de 10 a 14 anos, as taxas de fecundidade por idades, dos grupos 15-19 até 45-49 anos. Obtém-se 2,163. Multiplicando-se por 5 (Intervalo de idade considerado), obtém-se 10,81, número de filhos nascidos entre o 15.º e o 50.º aniversário, na ausência da mortalidade. Para se chegar à descendência completa das mulheres casadas entre 10 e 14 anos é necessário juntar aos 10,81 o número

ro médio de filhos nascidos entre o casamento e 15.º aniversário. Para calcular este número é preciso ir aos dados de base. Assim, divide-se o número de nascimentos de 10-14 anos, que é 30, pelo número de mulheres observadas nessa faixa, que é de 69, o que dá 0,43. A descendência completa das mulheres casadas entre o 10.º e 14.º anos é, pois, igual a 11,24 (10,81+0,43). Segue-se o mesmo procedimento para as idades ao casar seguintes, obtendo-se os finais da tabela 9.

Com esta análise ficam patentes, pois, os padrões de fecundidade de uma comunidade antiga de caiçaras. Os casamentos eram, em média, realizados em idades baixas, sobretudo para as moças. Mas o nível de celibato definitivo calculado era igualmente elevado entre a população livre. Embora solteiros, homens e mulheres não deixavam de procurar um companheiro e de terem uma vida sexual normal e familiar. As uniões consensuais estáveis constituíam-se também um padrão normal em sociedades rústicas do passado brasileiro, como venho insistindo.

Dentro da fecundidade legítima, as mulheres tinham uma vida reprodutiva mais intensa e a intervalos mais curtos nos primeiros dez anos de vida conjugal. O número médio de filhos (em torno de 4, para todas as famílias reconstituídas e completas) sofria influências bem diversas, segundo a idade da mãe ao casar e a duração da união, não considerando-se aqui as influências da mortalidade.

O resultado foi um número de filhos bem elevado para as mães que se casavam cedo. Estamos em uma fase pré-malthusiana.

As interpretações mais amplas ou setoriais e a contextualização da população analisada são objeto de análises detidas, na obra que em breve deverá surgir.

(14) Para maiores informações sobre essas técnicas ver HENRY L. (1970): 90-92.

TABELA 10

DESCENDÊNCIA CONFORME A DURAÇÃO DA UNIÃO

| Duração da União a partir do casamento | Mulheres casadas aos | | | | | | | | | | | |
|--|----------------------|----------|-------------------|----------|-------------------|----------|-------------------|----------|-------------------|----------|-------------------|----------|
| | 10-14 anos | | 15-19 anos | | 20-24 anos | | 25-29 anos | | 30-34 anos | | 35 anos e + | |
| | Soma das Taxas | Descend. | Soma das Taxas | Descend. | Soma das Taxas | Descend. | Soma das Taxas | Descend. | Soma das Taxas | Descend. | Soma das Taxas | Descend. |
| 5 anos | 0,407 | 2,035 | 0,388 | 1,940 | 0,368 | 1,840 | 0,400 | 2,000 | 0,293 | 1,465 | 0,238 | 1,190 |
| 10 | 0,826 | 4,130 | 0,800 | 4,000 | 0,832 | 4,160 | 0,753 | 3,765 | 0,482 | 2,410 | 0,343 | 1,715 |
| 15 | 1,241 | 6,205 | 1,180 | 5,900 | 1,249 | 6,245 | 0,969 | 4,845 | 0,602 | 3,010 | 0,383 | 1,915 |
| 20 | 1,614 | 8,070 | 1,472 | 7,360 | 1,583 | 7,915 | 1,060 | 5,300 | 0,630 | 3,150 | - | - |
| 25 | 1,880 | 9,400 | 1,665 | 8,325 | 1,723 | 8,615 | 1,100 | 5,500 | - | - | - | - |
| 30 | 2,164 | 10,820 | 1,728 | 8,640 | 1,785 | 8,925 | - | - | - | - | - | - |
| 35 | 2,252 | 11,260 | 1,739 | 8,695 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Descend. Completa | 2,252 | 11,260 | 1,739 | 8,695 | 1,785 | 8,695 | 5,500 | 5,500 | 0,630 | 3,150 | 0,383 | 1,915 |